

OS FUNDAMENTOS DA BATALHA DO ATLÂNTICO

BARRETO LEITE FILHO

Açabo de ler no número de março da "Defesa Nacional", traduzido pelo general Klinger, uma conferência pronunciada pelo contra-almirante Donner, na Sociedade Alemã da Política e Ciências Militares, de Berlim, sobre o tema decisivo das relações da geografia com o poder naval e suas aplicações nesta guerra. A divulgação desse estudo em português representa um serviço de inestimável valor para quantos desejem compreender a atitude fundamental do Reich em face de uma determinada ordem de problemas propostos pela crise. Nada pode ser mais elucidativo das idéias e das ilusões, das secretas certezas e das esperanças desfeitas que inspiraram a concepção alemã das suas mais vastas perspectivas no presente conflito. Nada indica na apresentação da conferência que as opiniões manifestadas pelo contra-almirante Donner exprimam o pensamento oficial do governo do Reich, nem assunto, aliás, em muitos dos seus aspectos, é de índole a comportar um pensamento oficial de governo. Poder-se-á mesmo notar uma significativa discreção do autor, quando alude à natureza propriamente partidária sobre a qual repousa a estrutura do Estado, no seu país. O seu tom é de quem fala como um estudioso e não de quem formula um plano definido, que deva ser adotado. Mas a autoridade do conferencista, o lugar em que que dissertou e o feitio do regime vigente na Alemanha, mostram que tais palavras não podem ser tomadas como tendo um caráter apenas especulativo e muito menos gratuito, é sim como expressão do pensamento que circula entre os grandes especialistas encarregados de traçar a política geral do Reich dentro da esfera aqui encarada.

I — O DOMÍNIO NAVAL

Muitas das teses obstinadamente defendidas pela propaganda nazista, a começar pela da ineficácia do bloqueio inglês, são abertamente contestadas pelo contra-almirante

Donner, e de muitas outras encontra-se aqui a explicação. Isto mostra, por um lado, que se os dirigentes germânicos procuram iludir o seu povo, os técnicos a serviço deles não se enganam na avaliação dos limites que se opõem à aventura de Hitler. Mas mostra também, por outro lado, que esses mesmos técnicos, não obstante o seu obrigatório empenho em ser objetivos, não conseguem fugir à regra pela qual os homens tendem sempre a formular a teoria que melhor coincida com as suas necessidades. Eis porque é necessário fixar a data em que foi pronunciada a conferência: 28 de março de 1941. Faz, hoje, portanto, exatamente um ano. Referindo-se às condições em que se travou a guerra passada, o conferencista restabelece a verdade sobre um ponto capital, que tem constituído invariavelmente um dos temas todas falsificações de Hitler. Para o Fuehrer, a Alemanha nunca foi vencida, mas simplesmente traída pela revolução que "apunhalou pelas costas os seus exércitos. O contra-almirante Donner também menciona a "punhalada pelas costas", mas explica-a: "O formidável desdobramento das forças em terra, diz ele, o esgotamento do nosso potencial de guerra terrestre, o efeito da punhalada (revolução alemã), não deixaram de reconhecer a realidade de que, no fim de contas, foi a potência naval que decidiu a guerra." Ao mesmo tempo, porém, o conferencista acreditava, em março de 1941, que o contra-bloqueio dos submarinos e aviões do Reich fosse bastante para abater a resistência inglesa. Os doze meses decorridos, desde que a sua conferência foi lida, devem ter dissipado essas esperanças.

II — O ESPAÇO ATLANTICO

Não pretendo fazer aqui um resumo do estudo traduzido pelo general Klinger para a "Defesa Nacional", nem isto viria ao caso. Trata-se de um trabalho tão rico de sugestões, que quem se interessar pelo assunto deve procurar conhecer o texto completo. Mas há nele um certo número de passagens que devem ser comentadas em confronto com os fatos concretos da situação bélica, não só porque revelam as intenções mais amplas dos círculos dirigentes do Reich, no que se refere ao Hemisfério Ocidental, como porque, depois de um ano, já podem traduzir o erro de perspectiva que vem sendo orientado toda a ação do governo nacional-socialista, depois da derrota da França.

O contra-almirante Donner começa por uma espécie de introdução teórica, em que examina, à luz de exemplos co-

nhecidos, os aspectos gerais do famoso problema do poder continental e do poder marítimo. E' exatamente nesta parte que critica a concepção alemã da outra guerra, toda ela baseada exclusivamente no conceito do poder continental. Esclarece, também, que, pela sua posição geográfica e pela situação em que ficou, depois da derrota, também nesta as atenções do Reich ter-se-iam de voltar inicialmente para as questões relacionadas com o domínio do continente. Mas acentua que, uma vez vencida essa etapa, seria necessário voltar-se para o domínio marítimo, "pois também os povos continentais não podem subsistir sem potência naval, e não só potência costeira, mas em condições de impor-se em alto mar". Daí passa, depois de um estudo do conceito de espaço marítimo e de algumas digressões sobre as maneiras de conquistá-lo, seja por operações propriamente navais, seja por aéreas e inclusive terrestres, a encarar o desenvolvimento político e estratégico da atual ação da Alemanha no Atlântico, que é o seu espaço marítimo por excelência. Com evidente razão, mostra que o progresso da técnica das comunicações transformou esse oceano em uma espécie de mar interior, cuja significação geopolítica é hoje mais ou menos a mesma da que foi a do Mediterrâneo, do Báltico ou do Mar do Norte, em tempos passados. Na sua parte propriamente aplicada à realidade atual, a conferência do contra-almirante Donner vem a ser como um estudo da geopolítica do Atlântico, e nisto reside o seu principal interesse para nós americanos e especialmente para nós sul-americanos. Será preciso especificar mais e dizer: para nós brasileiros, que formamos a principal avançada do Atlântico Meridional?

III — ALEMANHA E ESTADOS UNIDOS

O conferencista assinala que "todos os Estados que têm interesse em um mar são fortemente atraídos pela costa fronteira". E continua: "Torna-se intuitivo que cada povo nessas condições terá interesse político e econômico, em achar-se de algum modo também representado do outro lado. Com isso exercerá maior influência sobre os bens e valores que de lá se importam. Em outras palavras: é a busca de cabeças de pontes políticas, ou pelo menos econômicas, do outro lado". Daí parte para a conceituação de uma "lei política de contra-costa, paralela à conhecida lei militar das cabeças de ponte". Alguns exemplos retirados da história ilustram esse desenvolvimento. Finalmente, o almirante chega à América. Inicialmente declara que seria "incauta

generalização aplicar a lei da contra-costa como explicação imanente para a expansão colonial da raça branca sobre o globo terrestre, desde o descobrimento da América." Adiante dirá que pode rir da alegação norte-americana segundo a qual "uma Europa guiada pela Alemanha buscará necessariamente a contra-costa", tornando agudo o perigo de uma invasão deste hemisfério. Mas reconhece a existência de vários fatores históricos, técnicos e geográficos pelos quais se poderia aplicar a mencionada lei ao caso americano.

Ao estudar a geopolítica do Atlântico, o contra-almirante Donner encara naturalmente o tema do ponto de vista da Alemanha. E, como falava há um ano, pode permitir-se certas liberdades na avaliação do destino da Inglaterra. A estratégia naval nas costas e postos marítimos avançados não exige, a seu ver, mais do que o emprego dos meios de que a Alemanha dispõe, sobretudo submarinos e aviões. Daí ter incorporado logo a Inglaterra ao sistema continental dominado pelo Reich. Longe de ser a cabeça de um império oceânico, e no caso uma espécie de base avançada dos Estados Unidos, junto à Europa, a Grã-Bretanha passava a ser uma avançada da Europa, em face da América. Isto, naturalmente, seria obtido pela vitória nazista no velho mundo, a mesma vitória que não tendo sido obtida no lugar e no prazo previsto, obrigou Hitler a se lançar contra a Rússia, no perpétuo e inútil esforço de dominar o mar pelo domínio do continente, ou pelo menos dispensá-lo.

IV — AMÉRICA DO SUL

A posição da Inglaterra é cuidadosamente estudada, nem poderia deixar de ser, pois não há melhor exemplo. Mas, para o conferencista, a verdadeira guerra pelo espaço atlântico é entre a Alemanha e os Estados Unidos. Embora incluindo de antemão as ilhas britânicas na "nova ordem" continental europeia, o contra-almirante Donner não deixa de aludir, de passagem, à hipótese contrária, aquela mesma que ficou acima referida, de elas servirem de base avançada norte-americana no outro lado do oceano. Apenas, se contesta que a Alemanha, mesmo depois de subjugada a Europa, inclusive a Inglaterra, pretenda fixar cabeças de ponte na "contra-costa" americana, declara que os Estados Unidos pretendem fazer exatamente isso, por intermédio do país aliado, na "contra-costa" europeia. Diante dessas perspectivas, passa a estudar a questão dos demais postos avançados do Atlântico, mostrando o vital interesse que há, tanto para

os norte-americanos, como para os alemães, nas ilhas que pontilham o centro desse oceano, desde a Groenlândia e a Islândia, até os Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Para mostrar como o espaço atlântico é realmente reduzido, ao contrário do que ordinariamente se supõe, faz duas comparações impressionantes: a distância entre os Açores e a Terra Nova é a mesma que separa a Sicília da Palestina, e a dos Açores às Bermudas é igual à do Mediterrâneo, de ponta a ponta. Temos, assim, o nosso famoso oceano, que os isolacionistas norte-americanos reputavam suficiente para tudo, reduzido às proporções do velho mar latino, que as nações romanas cortavam sem dificuldade e sem medo, nos orgulhosos tempos da República.

Para a Alemanha, o espaço continental que forma a base de partida da conquista do espaço marítimo, não é apenas a Europa, mas também a África. Isto ficou claramente estabelecido pelo contra-almirante Donner. E não só a África do Norte, mas também a África Ocidental. O conferencista afirma que os Estados Unidos pretendem igualmente estabelecer-se lá. O controle da África Ocidental é indispensável tanto para assegurar as comunicações no próprio continente africano, como também para a América do Sul. E aqui chegamos ao ponto crucial do problema. O contra-almirante alemão repete que o Reich não pode procurar a sua "contra-costa" na margem oposta sul-americana, "pois os países ali situados não podem ser recolonizados." Depois, entretanto, de assentar esta evidência, cai em contradição, sustentando que é este o pensamento dos Estados Unidos. Se os países sul-americanos não podem ser recolonizados, não o podem ser por ninguém, e se alguém pensa nisto outros podem pensar. Mas é importante reter duas afirmações, que figuram já no fim da conferência. A primeira é a de que a idéia da autarquia, tão cara aos totalitários, "mesmo dentro de um espaço tão vasto como o europeu-africano, representa apenas um expediente, fadado à ineficiência, exposto que se acha ao ataque por meio do bloqueio". É um almirante que fala, cioso da importância do poder naval. A outra afirmação é que "é para nós (alemães), intolerável que se forme uma potência que ameace cortar-nos do Atlântico Sul, inclusive da América do Sul". E como os Estados Unidos são acusados disto, segue-se, embora não tenha sido expressamente dito, que devem ser destruídos.

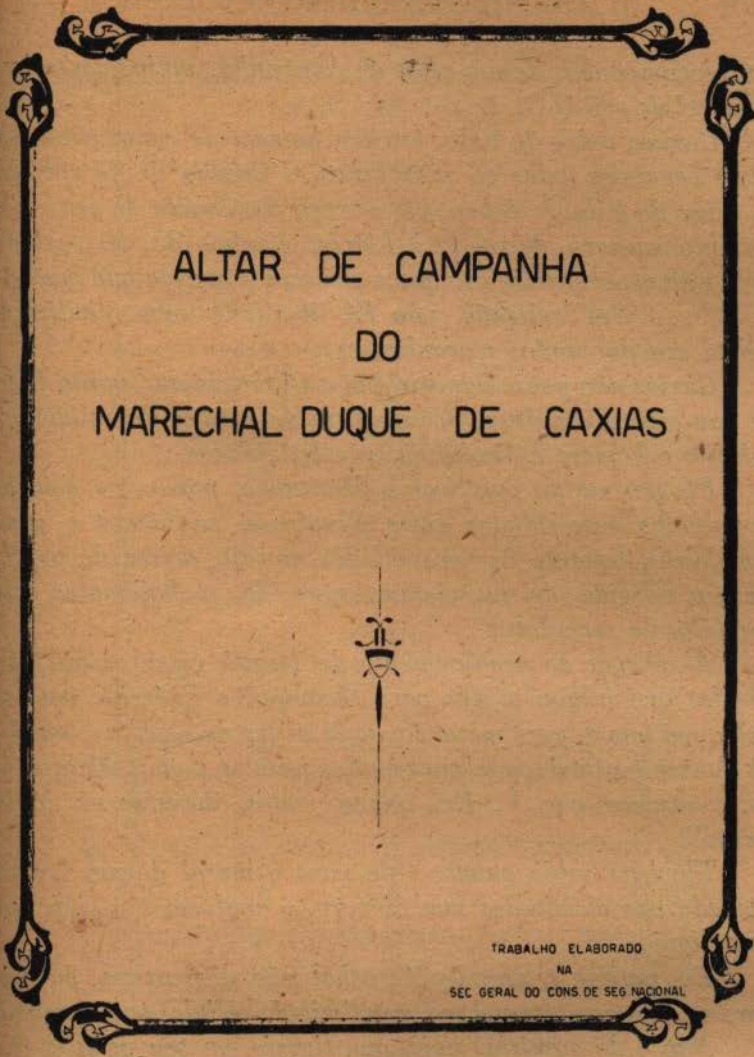
A lógica geográfica do contra-almirante Donner estava destinada a demonstrar a inevitabilidade da guerra entre os

dois continentes, pelo espaço atlântico. Mas esta guerra devia vir depois do domínio da Grã-Bretanha. Da ausência deste elemento não é difícil deduzir tudo o que aconteceu depois, e a verdadeira desorientação de Hitler, fazendo coisas que não pretendia fazer antes de ter conquistado o poder marítimo. Pois esta é a conclusão decisiva a que se chega: a luta pelo poder marítimo no Atlântico teve de ser travada junto com a luta pelo poder continental, na Europa. E a esquadra de alto mar prevista pelo contra-almirante Donner para esta segunda etapa ainda não existe.

(Do "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro).

Livros à venda na **Biblioteca da A Defesa Nacional**

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	3\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000
Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	9\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	11\$000
Leis gerais da Língua Portuguesa — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira	6\$500
Legiões Aladas — Italo Balbo	16\$000
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Artur Paulino . .	17\$000



ALTAR DE CAMPANHA
DO
MARECHAL DUQUE DE CAXIAS



TRABALHO ELABORADO
NA
SEC GERAL DO CONS DE SEG NACIONAL

HISTÓRICO

Em suas gloriosas campanhas, quer pela manutenção da ordem interna, quer pela defesa do Brasil no exterior, jamais deixou o Duque de Caxias o exercício da religião de seus maiores. Para melhor satisfazer seus sentimentos religiosos fa-

zia-se acompanhar de um altar de campanha, equipamento indispensável de seu Q.G.

Caxias, antes de tudo, era um homem de convicções, pelas quais regulava todas as suas ações. “Cristão de fé robusta”, no dizer de Vila da Barra, eis o traço dominante de seu caráter másculo, austero, devotado à Pátria. Excluir de sua personalidade este aspecto religioso que a realça é o mesmo que mutilá-la.

“... sem religião não há liberdade nem civilização” (carta aos deputados maranhenses).

Caxias não podia admitir que a formação de “varão forte”, de que carece o militar, prescindisse da prática da religião que nobilita o homem e disciplina as coletividades.

Eis porque ao pacificar o Maranhão, pondo em evidência as grandes necessidades dessa Província, reclamava o grande brasileiro: “quanto às necessidades morais, acima de todas se eleva a religião, de que viviam esquecidos os habitantes, talvez por falta de sacerdotes”.

Ao chegar ao acampamento de Tuiuti, entre as mil providências que julgou mistér para recompor o Exército, uma sublinha, em tom de recriminação, ao Ministro da Guerra: “aqui não há altares portáteis nem paramentos para se poder celebrar missa... espero que V. Ex., quanto antes, autorize seu fornecimento”.

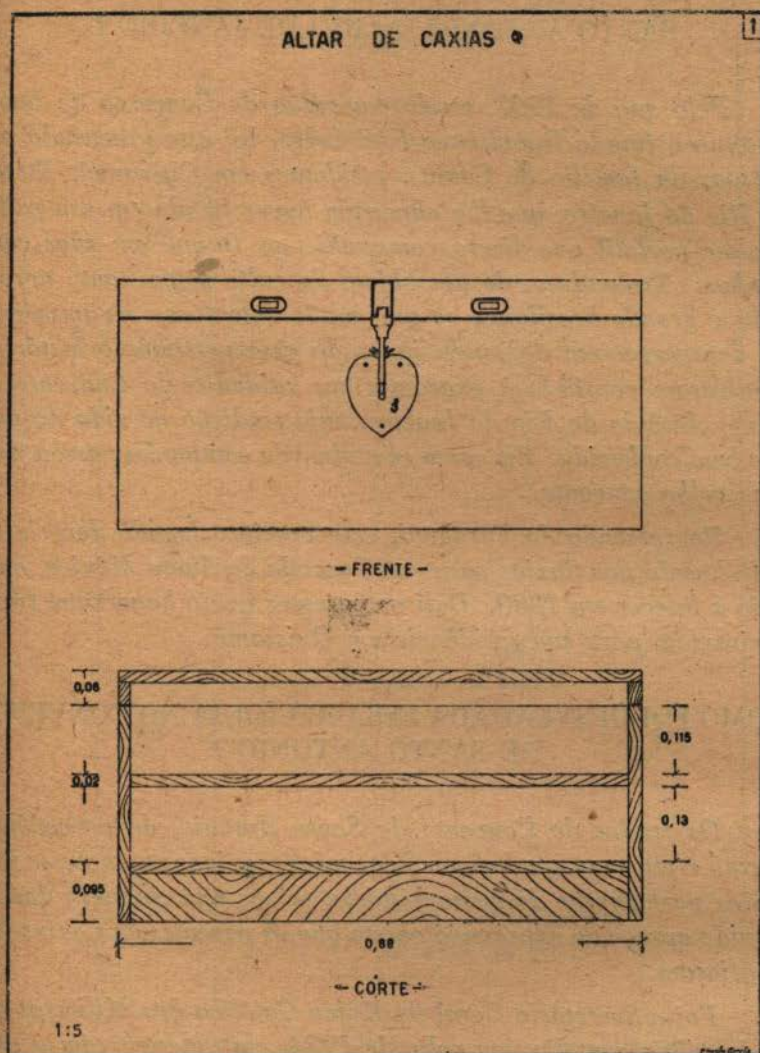
Ele bem sabia quanto vale para o moral de um Exército, onerado por vicissitudes sem número, o conforto e o vigor sadio da religião.

Eis porque o grande Marechal não dispensava, para si e para a tropa que comandava, a assistência religiosa em campanha.

Não é de admirar, pois, que tivesse em seu próprio Q. G. um Capelão Militar, um altar portátil e as instalações necessárias para o culto divino.

ORIGEM DO ALTAR PORTÁTIL

Do altar portátil em aprêço não sabemos a origem, a procedência. Esperamos que os investigadores da vida de Caxias, rebuscando os arquivos do tempo possam descobri-la um dia.



Teria acompanhado o grande Soldado em suas campanhas de pacificação interna ?

Ter-lhe-ia sido presenteado por oficiais de seu Q. G. ?

Teria sido resultado de sua reclamação de Tuití ao Ministro da Guerra ?

COMO FOI PARAR ESTA RELÍQUIA NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO RIO DE JANEIRO ?

Pelo ano de 1907, sendo Guardião do Convento de Santo Antônio o finado franciscano Frei Celso, foi este procurado por pessoas da família de Caxias, residentes em Quissamã, Estado do Rio de Janeiro, que lhe narraram haver ficado em seu poder o altar portátil que fizera companhia ao Duque em suas campanhas. Tratando-se de um objeto do culto a que tanto apreço dera o grande brasileiro, os seus então detentores, na iminência de desaparecerem deixando ignorado esse patrimônio histórico, resolveram confiá-lo à guarda e aos cuidados do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, cuja tradição na vida do país era bem conhecida. Eis como esse altar de campanha passou para esse velho convento.

Regressando do Paraguai, esse precioso legado deveria ter sido levado por Caxias para sua Fazenda de Santa Mônica, onde veio a falecer em 1880. Dalí os parentes que o houveram, transferiram-no para sua residência em Quissamã.

COMO FOI DESVENDADA ESSA RELÍQUIA NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO ?

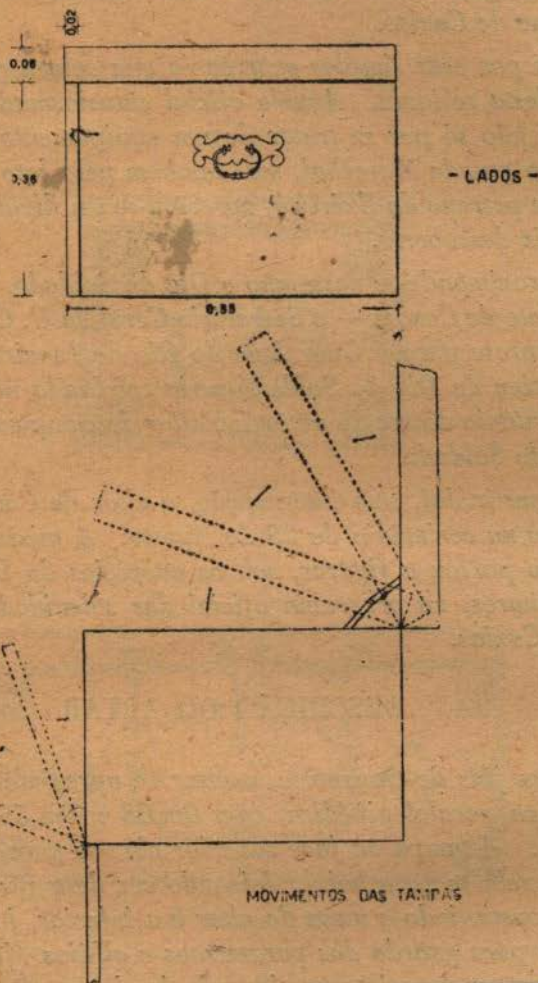
Os frades do Convento de Santo Antônio, de procedência alemã e muito ocupados com seus mistéres, ignorando nesse tempo os pormenores de nossa história, talvez não tivessem dado o devido apreço ao expressivo objeto que os parentes de Caxias lhes confiaram.

Foi o Secretário Geral da União Católica dos Militares que o descobriu um dia por volta de 1934, em palestra com o estudioso franciscano Frei Bazílio.

Tratando da grande influência que o Santo Antônio do Convento desempenhara na vida do país, desde os tempos coloniais, esse ilustre historiador franciscano lhe revelou particularidades interessantes do Convento e de objetos históricos ali recolhidos por pessoas eminentes de todos os tempos.

ALTAR DE CAXIAS

2



Estão nesse número o bastão de Veiga Cabral, doado ao Convento 1705 por este valoroso defensor da Colônia do Sacramento, as condecorações reais conferidas a Santo Antônio, a cadeira de Anchieta, a moringa de Frei Fabiano, telas, estátuas e inscrições antiquíssimas, a urna contendo os ossos da Imperatriz Leopoldina, etc.. E a seguir Frei Bazílio acrescentou: — E

temos aqui uma relíquia, que, para os militares brasileiros, deve ser muito apreciada — é o altar de campanha — que pertenceu ao Duque de Caxias.

Foi por essa simples ocorrência que veio a público a existência desta relíquia. Aquele oficial entusiasmado por essa revelação, não só por se tratar de um equipamento religioso que serviu ao grande Marechal, mas também pelo fato de Caxias ser o grande patrono do Exército, apressou-se em divulgar, em 1935, essa feliz descoberta.

Aproximando-se nesse ano o Dia do Soldado, 25 de Agosto, nascimento de Caxias — o Secretário Geral da U. C. M. preparou uma surpresa para a Guarnição do Rio de Janeiro: a missa comemorativa do Dia do Soldado seria celebrada no Convento de Santo Antônio diante do autêntico altar de campanha que servira ao grande Soldado.

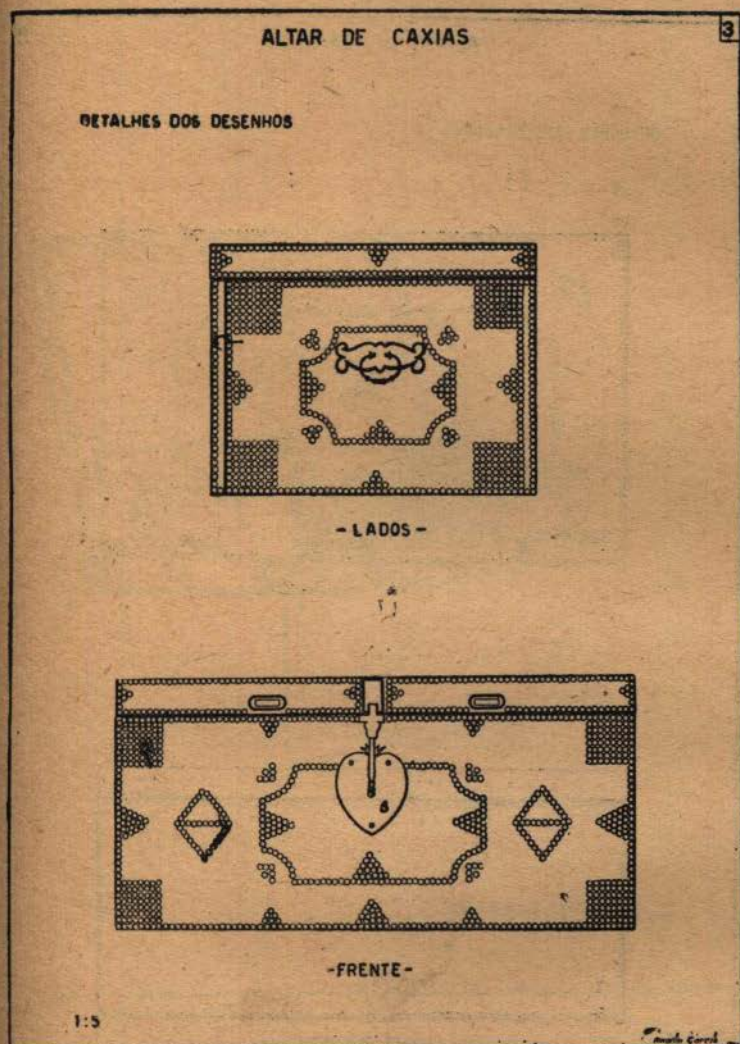
A partir daí, sem interrupção, o altar de Caxias reaparece cada ano na cerimônia de 25 de Agosto. A missa desse dia no Convento passou a figurar, sob os auspícios da União Católica dos Militares, no programa oficial das solenidades oficiais do Dia de Caxias.

DESCRIÇÃO DO ALTAR

Para fins de transporte, o altar se apresenta em forma de uma caixa paralelepipedica, com 0m,88 x 0m,55 de dimensão (fig. 2). A tampa ou face superior abre-se para cima e a face anterior reba-te para baixo, deixando ver duas prateleiras, a superior constituindo a mesa do altar e a inferior, formando gaveta, serve para guarda dos paramentos e alfaias (figs. 1 e 2). A tampa traz na face interna, fazendo fundo ao altar quando está armado, uma pintura representando a “Ceia” de Da Vince.

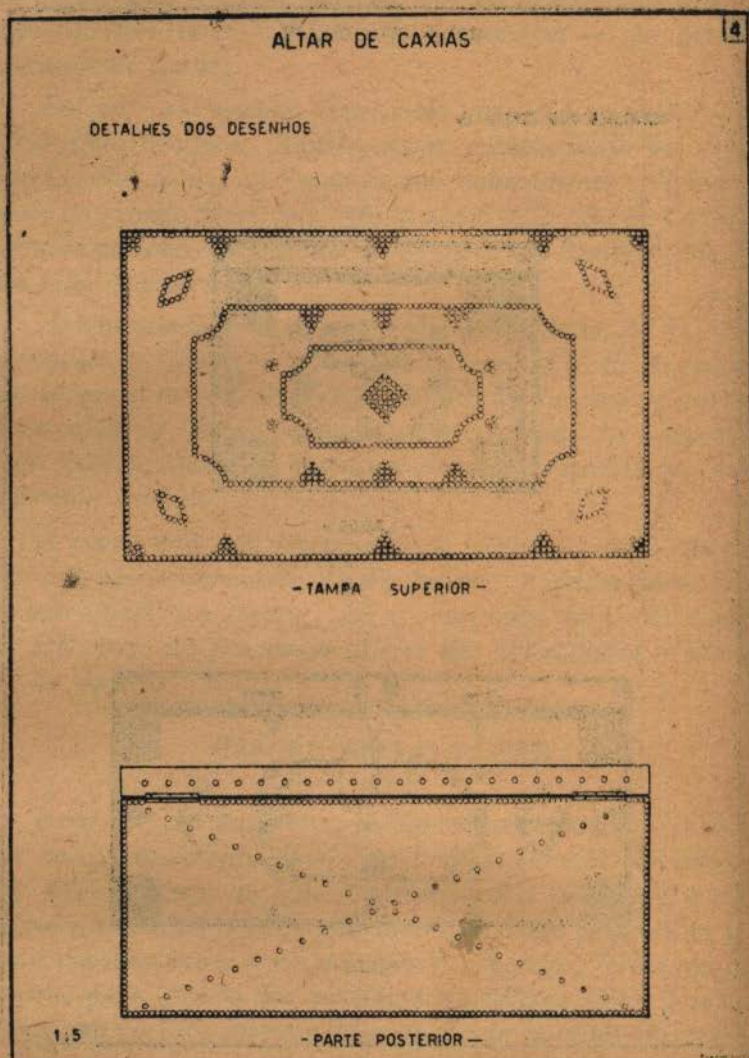
A caixa é revestida externamente de couro, grampeado por taxas amarelas dispostas artisticamente, formando vários desenhos (figs. 3 e 4).

Para fazer servir o altar, a tampa superior da caixa ergue-se (fig. 5) e faz-se cair a face anterior.



A caixa deve ser colocada sobre um cavalete ou suporte de cerca de 0m,60 para ficar à altura adequada à celebração da missa. As alças laterais da caixa e a fechadura, esta de grande formato antigo, são de ferro batido (fig. 6).

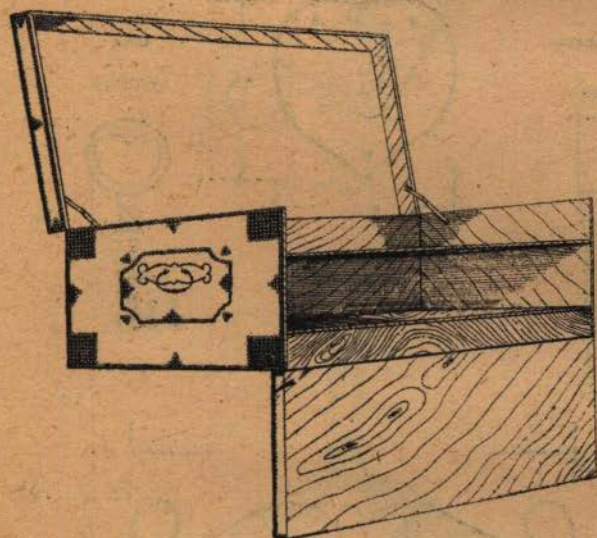
Como acessórios há dois porta-velas pequenos, uma campainha e um crucifixo, todos em metal amarelo (figs. 7 e 8).



As táboas da caixa, por estarem corroidas plo cupim, foram substituidas cuidadosamente em 1922 pelo Irmão carpinteiro do Convento. A madeira atual é de cedro com 0m,02 de espessura. O revestimento de couro e as taxas foram conservados e o aspecto e dimensões do altar são rigorosamente os primitivos. A caixa, com os paramentos e os acessórios descritos, pesa cerca de 30

ALTAR DE CAXIAS

5

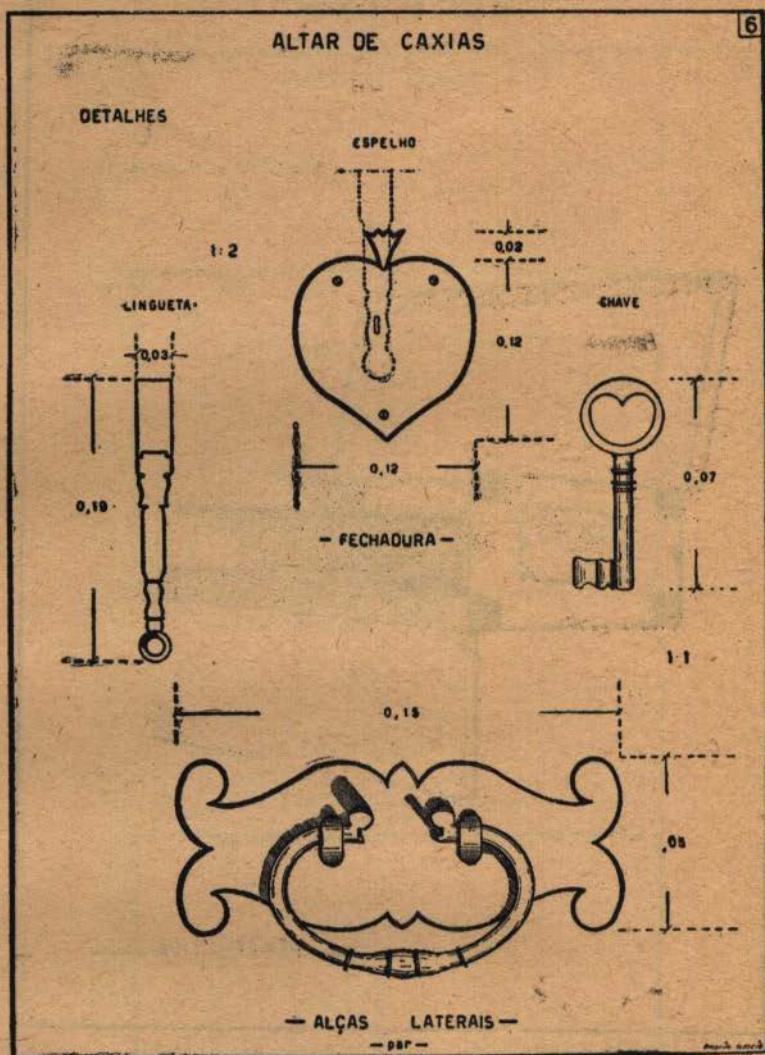


← PERSPECTIVA →

kg. As alças laterais permitem o seu transporte sobre dorso em campanha.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

O altar de campanha de Caxias é uma relíquia que, a nosso ver, deveria ser colocada, com a estampa da Virgem que pertenc-



ceu ao grande Marechal e sua espada invicta, na Capela da Escola Militar de Rezende, para, diante dessas relíquias sagradas, os Cadetes do Brasil se inspirarem nos exemplos de fé viva, de civismo, de auteridade, de disciplina e de bravura do grande brasileiro.

ALTAR DE CAXIAS

7

ACESSÓRIOS



- CASTIÇAIS -

- gar -



- CAMPAINHA -

1:1

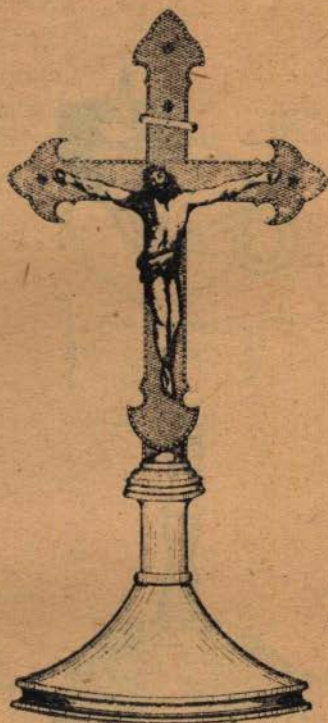
Dão-se à publicidade os pormenores e os desenhos do altar de Caxias para que todas as unidades e repartições militares possam mandar construir fac-similes dessa relíquia destinados às suas capelas ou salões de honra.

Nessas condições os soldados católicos, nas vilas militares e alhures, eventualmente longe de igrejas e capelas, não poderão

ALTAR DE CAXIAS

8

ACESSÓRIOS



— CRUCIFIXO —

mais reclamar, como o grande brasileiro, "aquí não há altares onde se possa celebrar a missa. E, assim, a religião, penetrando a fundo na convicção e nos costumes do Soldado Brasileiro, produzirá frutos de disciplina, de moralidade e de compreensão do Dever.

Col. SILVEIRA MELLO